



Entre a pesquisa e a ação: operacionalização do método da Pesquisa-Ação no Guaraguaçu, Litoral do Paraná

Between research and action: operationalization of the Action-Research method in Guaraguaçu, Paraná Coast

Evandro Cardoso do Nascimento¹
Cássio Pereira²
Valdir Frigo Denardin³

RESUMO:

Este artigo apresenta uma síntese das características da Pesquisa-Ação e propõe uma estratégia de operacionalização deste método. Para tanto, busca-se situar a Pesquisa-Ação como um método que propõe uma ruptura com as metodologias convencionais e que possui um aparato teórico, epistemológico e metodológico já consolidado no campo das metodologias participativas. Para propor uma estratégia de operacionalização da Pesquisa-Ação em casos reais, este artigo apresenta algumas experiências empíricas construídas coletivamente na comunidade do Guaraguaçu, no litoral do Paraná. Conclui-se que não há uma receita de Pesquisa-Ação e que as suas etapas de operacionalização não são rígidas ou estanques, eles podem ter ordens diferentes e também ocorrer de forma simultânea. A experiência na comunidade do Guaraguaçu revela a potência dos espaços associativos na organização comunitária.

Palavras-chave: metodologia participativa; extensão universitária; comunidade caiçara; associação comunitária; Pontal do Paraná.

ABSTRACT:

This article presents a summary of the characteristics of Action Research and proposes a strategy for operationalizing this method. To this end, it seeks to situate Action Research

¹ Historiador, doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral (PPGDTS/UFPR Litoral). Bolsista CAPES por meio do Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9197-6372>. E-mail: evandrohistoria@hotmail.com

² Biólogo, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná. Bolsista da Fundação Araucária. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0589-3423>. E-mail: cassio.rp@gmail.com

³ Economista, doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Professor Titular do curso de Ciências Ambientais e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral (PPGDTS/UFPR Litoral). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8074-6544>. E-mail: valdirfd@yahoo.com.br



as a method that proposes a break with conventional methodologies and that has a theoretical, epistemological and methodological apparatus already consolidated in the field of participatory methodologies. In order to propose a strategy for operationalizing Action Research in real cases, this article presents some empirical experiences built collectively in the community of Guaraguaçu, on the coast of Paraná. It is concluded that there is no recipe for Action Research and that its operationalization steps are not rigid or stagnant; they can have different orders and also occur simultaneously. The experience in the community of Guaraguaçu reveals the power of associative spaces in community organization.

Keywords: *participatory methodology; university extension; caiçara community; community association; Pontal do Paraná.*

Introdução

Em seu *Discurso do Método*, publicado pela primeira vez em 1637, René Descartes (2009, p. 23) observou que “não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças e feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou”. Ao contrário do método cartesiano, que priorizava o trabalho individual e a busca de verdades absolutas por meio da razão, a discussão apresentada neste artigo é resultado de um trabalho coletivo, feito pelas mãos de diversos pesquisadores e atores sociais, e que foi orientado pela pesquisa e pela ação. Talvez, aquilo que Descartes considerou não tão perfeito, seja tão rico e diverso que acabou colocando em xeque a suposta perfeição das verdades absolutas. Dito de outra forma, a complexidade do trabalho coletivo proposto pela Pesquisa-Ação acabou apontando as limitações das metodologias convencionais de pesquisa.

Muitos trabalhos no Brasil e no mundo tem utilizado a Pesquisa-Ação como método em projetos de intervenção ou de extensão universitária. Trata-se de um método já consolidado nas ciências sociais e que vem sendo discutido, teórico e empiricamente, desde meados do século passado. O objetivo deste texto é apresentar uma síntese das características do método da Pesquisa-Ação, bem como propor uma estratégia de operacionalização deste método.

Para tanto, busca-se situar a Pesquisa-Ação como um método que propõe uma ruptura com as metodologias convencionais de pesquisa, especialmente as cartesianas



e positivistas, e que apresenta um aparato teórico, epistemológico e metodológico já consolidado no campo das metodologias participativas. Para propor uma estratégia de operacionalização da Pesquisa-Ação em casos reais, este texto apresenta algumas experiências empíricas construídas coletivamente na comunidade do Guaraguaçu, no litoral do Paraná.

Além desta introdução e da conclusão, este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, o método de Pesquisa-Ação é apresentado a partir da leitura de autores como André Morin (2004), René Barbier (2007), Hugues Dionne (2007) e Michel Thiollent (2011). Nesta parte, é realizada uma contextualização histórica do surgimento do método e apresentada uma síntese das características da Pesquisa-Ação a partir dos autores consultados. Na segunda parte, apresenta-se a proposta de operacionalização da Pesquisa-Ação a partir de uma experiência empírica, ainda em andamento, na comunidade do Guaraguaçu.

O método da Pesquisa-Ação

Desde o Renascimento, o método científico possibilitou grande desenvolvimento de tecnologia e de conhecimento. Hoje, os cientistas são capazes de explorar o cosmos, decodificar o cérebro humano e dar os primeiros passos em direção a uma inteligência artificial. No entanto, a ciência positivista, pretensamente neutra, parece ser incapaz de resolver os problemas da fome, do saneamento básico e da injustiça social, delegando-os ao chamado campo normativo da política. Jürgen Habermas (2009) aponta que isso ocorre porque, historicamente, a ciência se tornou um instrumento sob o controle das classes dominantes, que subtrai as relações sociais de poder e se apresenta como ideologicamente neutra.

Concordamos com Orlando Fals Borda (2006, p. 47) quando ele diz que não existe ciência neutra e que ser um cientista “significa estar comprometido com alguma coisa que afeta o presente e o futuro da humanidade”. A Pesquisa-Ação é um método científico de pesquisa social que marca uma ruptura com a ciência positivista, justamente porque ela assume um compromisso sociopolítico com as classes



dominadas. As raízes da Pesquisa-Ação, como apontou René Barbier (2007), germinaram em métodos de pesquisa social propostos por autores clássicos da Sociologia, no final do século XIX. De acordo com Michel Thiollent (1982), a Enquete Operária, publicada por Karl Marx em 1880, foi um dos primeiros instrumentos de Pesquisa-Ação, pois além de ser um método investigativo das condições de vida e saúde dos trabalhadores franceses é também um instrumento de politização da classe trabalhadora.

Mas é somente na década de 1940 que o termo Pesquisa-Ação ou *Action-Research* se torna popular, especialmente a partir das pesquisas do psicólogo Kurt Lewin nos Estados Unidos. Segundo Hugues Dionne (2007), Lewin percebeu que quando os sujeitos participam ativamente da pesquisa as mudanças são mais efetivas e duradouras. No entanto, Thiollent (1982, p. 110) explica que a *Action-Research* de Lewin tem incompatibilidades profundas com a Enquete Operária de Marx, isso porque Lewin nega o conflito de classes e “privilegia a dimensão psicológica da interação dos indivíduos e dos grupos sociais”, enquanto Marx “dá ênfase à dimensão cognitiva e política das relações de classe”.

Atualmente, a Pesquisa-Ação vem sendo definida como um tipo de pesquisa social de base empírica que privilegia aspectos sociopolíticos com foco na ação transformadora da realidade social. De acordo com Thiollent (2011, p. 20), a Pesquisa-Ação “é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo”. Dionne (2007) alerta que não se trata de privilegiar a ação para produzir conhecimento, mas de interligar conhecimento e ação, reduzindo a distância entre a teoria e a prática e preservando as especificidades da ciência e da ação.

A partir de uma síntese dos trabalhos de André Morin (2004), René Barbier (2007), Hugues Dionne (2007) e Michel Thiollent (2011), é possível elencar cinco características da Pesquisa-Ação que emergem de seus princípios teóricos, epistemológicos e metodológicos e que marcam uma ruptura com os métodos positivistas de pesquisa:

- 1) na pesquisa-ação é imprescindível a interação entre pesquisadores e atores;
- 2) o conhecimento produzido a partir da pesquisa-ação é original;
- 3) toda pesquisa-ação requer objetivos de conhecimento e objetivos de ação;



- 4) a pesquisa-ação tem seus próprios critérios de objetividade científica; e
- 5) a pesquisa-ação tem uma função sociopolítica.

A primeira característica da Pesquisa-Ação é a imprescindível interação entre pesquisadores e atores, mas não se trata de uma interação qualquer, trata-se de uma interação participativa em que os pesquisadores participam da resolução dos problemas coletivos e os atores sociais participam da construção da pesquisa. Dionne (2007) destaca que o hífen da Pesquisa-Ação corresponde a uma aliança firmada entre pesquisadores e atores, um trabalho coletivo que, como aponta Thiollent (2011), deve ser realizado de forma cooperativa e/ou participativa. Não é uma pesquisa aplicada, em que o pesquisador se aproxima dos atores para colocar a ciência em prática, mas de um método que, como defende Gauthier (1984 apud DIONNE, 2007, p. 44), “faz do ator um pesquisador e do pesquisador um ator”. Segundo Morin (2004), a participação é o que define a Pesquisa-Ação, quanto maior a participação em processos de cogestão, mais integral será a Pesquisa-Ação. Isso não significa que cada participante tenha que cumprir todas as funções de pesquisa e de ação, pelo contrário, a Pesquisa-Ação, como destaca Morin (2004, p. 132-133) funciona como “um organismo vivo cuja riqueza de cada órgão tem um papel diferenciado, mas complementar”.

Com a interação participativa entre pesquisadores e atores sociais, a Pesquisa-Ação desnaturaliza um dos princípios básicos do método positivista: a separação entre o sujeito (pesquisador) e objeto (atores sociais) da pesquisa. Enquanto o método positivista separa o sujeito do objeto, com o objetivo de preservar a suposta neutralidade do pesquisador, a Pesquisa-Ação cria uma relação de sujeito a sujeito da pesquisa em que o pesquisador se vê implicado nos processos de transformação social e os atores sociais no processo da pesquisa, todos como sujeitos. Essa convivência incomum, segundo Dionne (2007, p. 29), questiona “não apenas os métodos e critérios de cientificidade, mas a própria função da ciência tradicional”.

A interação entre pesquisadores e atores sociais também abre caminho para a segunda característica da Pesquisa-Ação que é a originalidade do tipo de conhecimento que é produzido a partir desta interação. Thiollent (2011, p. 30) defende que na Pesquisa-Ação pode-se “captar informações geradas pela mobilização coletiva em torno



de ações concretas que não seriam alcançáveis nas circunstâncias da observação passiva”. Logo, o conhecimento que é produzido pela mobilização coletiva tem a originalidade de ser concebido a partir da ação e para a ação, ou seja, um conhecimento capaz de reorientar a ação transformadora. Para Dionne (2007, p. 35), a busca por ações transformadoras concretas, “permite um desenvolvimento original de conhecimentos novos”, pois, como veremos na terceira característica da Pesquisa-Ação, um “objetivo de mudança não é em si mesmo contraditório em relação a um objetivo de desenvolvimento dos conhecimentos”.

A terceira característica da Pesquisa-Ação está explícita em seu próprio nome. Trata-se da busca por um duplo objetivo: a construção de conhecimento científico, pela pesquisa, e a resolução de problemas reais, pela ação. Dionne (2007) destaca que o grande desafio da Pesquisa-Ação é passar da teoria à prática cumprindo a sua dupla tarefa: desenvolver conhecimentos e modificar uma situação-problema. Thiollent (2011) alerta que a Pesquisa-Ação não pode se restringir aos objetivos de ação, relacionados à resolução de problemas práticos, também é preciso traçar objetivos de conhecimento, relacionados à produção de informações sobre a situação, seja o conhecimento científico ou o aumento da consciência sobre a situação investigada.

Dionne (2007) explica que a Pesquisa-Ação é um método de intervenção, mas que permite gerar novos conhecimentos, por isso é também um método de pesquisa. Logo, as estratégias de pesquisa e de ação são complementares, mesmo que, às vezes, entrem em conflito, pois, como alerta Dionne (2007, p. 37), a “pesquisa se apoia em regras metodológicas de caráter científico, ao passo que a ação se constrói com base em processos de planejamento de diversas práticas táticas”. Desta forma, o desafio da Pesquisa-Ação é construir vínculos entre esses dois polos e evitar discursos românticos que justificam a Pesquisa-Ação apenas pela “parceria construtiva entre pesquisadores e atores sem medirem os desafios de tal abordagem.” (DIONNE, 2007, p. 41).

Ao romper com o método positivista, a Pesquisa-Ação precisou criar seus próprios critérios de objetividade científica, mas que também obedecem a regras metodológicas já consolidadas, esses critérios constituem a quarta característica da Pesquisa-Ação.



Grosso modo, trata-se de cinco procedimentos metodológico que constituem a estrutura de raciocínio e que garantem a cientificidade da Pesquisa-Ação:

- a) Substituição da neutralidade pelo consenso: no método positivista, o controle metodológico é garantido pela suposta neutralidade do pesquisador, pela não interferência no objeto de pesquisa e pelo isolamento de variáveis. De acordo com Thiollent (2011), na Pesquisa-Ação, como a investigação se dá de forma coletiva e em situações reais, o controle metodológico é feito pelo consenso atingido pela coletividade, o que garante a qualidade das informações e evita manipulações.
- b) Substituição da demonstração pela argumentação: segundo Thiollent (2011), a demonstração das ciências exatas, ou seja, a validação de uma preposição através de raciocínios lógicos, é raramente alcançável nas ciências sociais e praticamente impossível em Pesquisa-Ação. Este tipo de raciocínio é substituído pela argumentação que, de acordo com Thiollent (2011, p. 109), reafirma as “dimensões discursivas e coletivas da elucidação e da interpretação das situações sociais”. No entanto, o autor alerta que é preciso considerar que toda argumentação é produzida por interlocutores na presença de um auditório, real ou imaginário, que exerce influência sobre ela e que, portanto, não deve ser tomada como verdade absoluta.
- c) Substituição das hipóteses pelas diretrizes: a formulação de hipóteses nos métodos convencionais obedece a um procedimento rígido no qual se busca comprovar ou refutar as hipóteses a partir dos dados coletados. Na Pesquisa-Ação, a definição de diretrizes mantém um “raciocínio hipotético”, mas com um caráter menos rígido e direcionado ao modo de agir perante a situação problema. Trata-se, como indicou Thiollent (2011), de considerar as possíveis soluções para a situação problema como suposições que irão orientar a pesquisa e sua comprovação passa pela argumentação e pela crítica coletiva que irá estabelecer pontes entre as ideias gerais e a observação concreta.
- d) Adaptação quanto às inferências e generalizações: Dionne (2007) explica que, diferente da pesquisa convencional que busca a produção de conhecimentos



generalizáveis, a Pesquisa-Ação está a serviço de uma ação específica, mas o conhecimento que aí se produz também tem impacto teórico e pode ser generalizável. Neste quesito, Thiollent (2011) pontua que, em Pesquisa-Ação, é sempre problemática a ideia de partir de inferências particulares para generalizações (indução), ou o contrário, partir de proposições gerais para casos particulares (dedução). O autor destaca que o bom senso é o núcleo racional da sabedoria popular, sendo preciso explicitar seus pressupostos a partir do seu contexto sociocultural. Neste sentido, em geral, as inferências e generalizações dos pesquisadores são mais abstratas que as dos participantes, tornando necessária a comparação e o estabelecimento de diálogos.

- e) Controle ético: uma estrutura de raciocínio própria da Pesquisa-Ação é a transformação de proposições indicativas (a situação está assim...) em proposições normativas (temos que agir assim...). Thiollent (2011) explica que isso não significa que a descrição de um problema irá determinar a ação para sua resolução, pois há aspectos ideológicos, políticos, entre outros, que intervêm no direcionamento da ação (sistema normativo). Thiollent (2011, p. 48) alerta que também é metodologicamente condenável que o ponto de partida seja as exigências normativas, pois “o pesquisador pode ser levado a descrever os fatos de um modo favorável às consequências práticas correspondentes às exigências daquela norma”. Neste sentido, o pesquisador precisa exercer um controle metodológico e ético sobre esse efeito de “contaminação”, mas a tentativa de controlá-lo não deve neutralizar os princípios valorativos e a função sociopolítica da Pesquisa-Ação.

Por fim, a quinta característica da Pesquisa-Ação é a sua função sociopolítica. Dionne (2007) destaca que a Pesquisa-Ação tem uma função sociopolítica vinculada aos desafios da dominação social e do controle do conhecimento. Neste contexto, os pesquisadores devem, ao mesmo tempo, estarem engajados na luta por justiça social e manter uma distância crítica ou, como indicou Barbier (2007), os pesquisadores têm o papel de articular implicação e distanciamento, afetividade e racionalidade. Para Thiollent (2011, p. 52-53), a Pesquisa-Ação tem como princípio valorativo uma política



de transformação que está associado ao “reconhecimento de causas populares, a práticas de democracia ao nível local, a busca de autonomia, a negação da dominação etc.”. Segundo Zuñiga (1981 apud THIOLLENT, 2011, p. 54), a Pesquisa-Ação “tenta colocar o controle do saber nas mãos dos grupos e das coletividades”. Desta forma, sua função sociopolítica está diretamente relacionada ao tipo de ação que se propõe coletivamente, de maneira participativa e consciente. Thiollent argumenta que, por razões éticas e considerando as desigualdades de acesso ao conhecimento científico, é legítimo que a Pesquisa-Ação priorize as classes populares e iniciativas de caráter social e solidário. Para Teresa Maria Frota Haguette (2003), esse engajamento político da Pesquisa-Ação é o que a diferencia da proposta conservadora da psicologia social proposta por Kurt Lewin.

A operacionalização da Pesquisa-Ação na comunidade do Guaraguaçu

A partir dos trabalhos de Morin (2004), Dionne (2007) e Thiollent (2011), é possível enumerar cinco etapas para operacionalizar uma Pesquisa-Ação: identificação de um problema; definição de objetivos; planejamento metodológico; realização da pesquisa e da ação; e avaliação dos resultados. No entanto, não se trata de uma receita ou de um procedimento rígido em suas etapas de pesquisa, mas sim de uma proposta flexível e adaptável a cada contexto de investigação. É comum, em processos de Pesquisa-Ação, que algumas “etapas” ocorram de forma simultânea ou em ordem diferente das previstas, que novas problemáticas surjam durante o andamento do processo e que resultados parciais sejam avaliados desde o início. Isso ocorre devido ao dinamismo do método e à pluralidade de sujeitos envolvidos no processo coletivo de pesquisa e de ação.

Aqui, apresentaremos algumas experiências de uma Pesquisa-Ação, ainda em andamento, na comunidade do Guaraguaçu, no litoral do Paraná. No entanto, antes de apresentá-las, é preciso descrever a conjuntura que deu origem a esse projeto que está situado no âmbito dos Novos Arranjos de Pesquisa e Inovação (NAPI), um modelo de gestão da Fundação Araucária de apoio ao desenvolvimento científico e tecnológico do

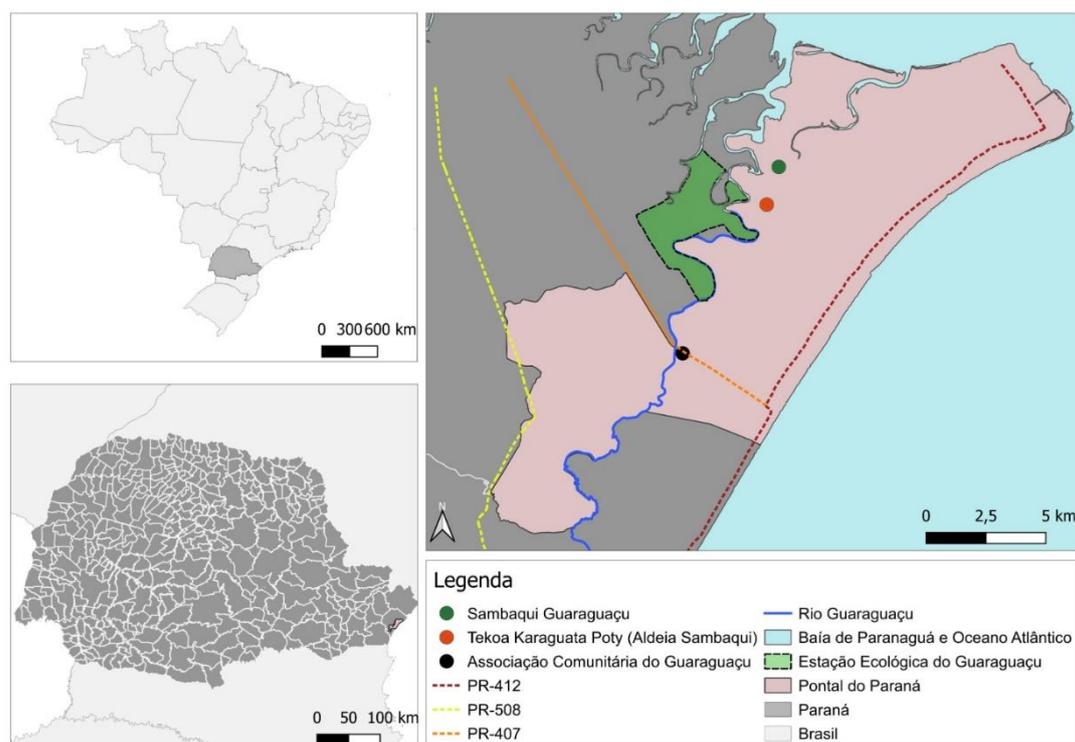


Paraná. Ao todo são 31 NAPIs no Estado e o projeto em questão faz parte do NAPI Alimento e Território criado a partir de uma articulação entre a Universidade Estadual do Oeste do Paraná, de Francisco Beltrão, a Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná, de Guarapuava, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, de Dois Vizinhos, o Instituto Federal do Paraná, de Paranaguá e a Universidade Federal do Paraná (Setor Litoral), de Matinhos. O objetivo do projeto é de atuar junto às comunidades, conciliando o conhecimento popular, a preservação do ambiente e a garantia da soberania e segurança alimentar e nutricional.

A equipe do NAPI Alimento e Território é composta por 19 pesquisadores, entre professores e bolsistas, das mais variadas formações acadêmicas e que vem atuando com o método da Pesquisa-Ação em dois grandes núcleos: o núcleo do “Sudoeste” e o núcleo do “Litoral”. No núcleo do “Litoral”, a equipe vem trabalhando junto a três comunidades: a Comunidade Agroflorestral José Lutzenberger, em Antonina; a Comunidade no bairro do Candonga, em Morretes; e a Comunidade do Guaraguaçu, em Pontal do Paraná. O NAPI Alimento e Território possui recursos financeiros que serão destinados para a aquisição de equipamentos para as cozinhas comunitárias das três comunidades.

O foco deste texto é a Comunidade do Guaraguaçu que, como apontado acima, está localizada no município de Pontal do Paraná, no litoral do Paraná, às margens de um rio, o Guaraguaçu, e de uma rodovia, a PR-407 (Figura 1).

Figura 1: Localização da Comunidade do Guaraguaçu.



Fonte: elaborado por Camila Bufato com informações fornecidas pelos autores.

O NAPI Alimento e Território foi oficialmente lançado no “IV Seminário Internacional - Novos paradigmas e novos modelos de ação: do global ao local e retorno”, realizado nos dias 27 e 28 de fevereiro de 2023, no litoral do Paraná. No entanto, devido a dificuldades burocráticas relacionadas à contratação de bolsistas, as ações na comunidade do Guaraguaçu tiveram início somente no dia 6 de outubro de 2023. Vale destacar que alguns dos pesquisadores que fazem parte da equipe vêm atuando na comunidade há alguns anos, desde 2018, o que facilitou, por exemplo, que a comunidade, por meio da Associação Comunitária do Guaraguaçu, participasse da elaboração do projeto desde a sua ideação.

1ª Etapa: diagnóstico e identificação de uma situação problema

A primeira etapa da Pesquisa-Ação consiste na identificação de uma situação problema. Dionne (2007, p. 59) aponta que tanto a pesquisa quanto a ação tem “o mesmo ponto de partida, ou seja, o de uma situação a compreender e/ou modificar”.



Para Thiollent (2011), essa fase exploratória consiste na formação da equipe de trabalho, no mapeamento do campo de pesquisa e na construção de um diagnóstico participativo que busca identificar as características, as expectativas, os problemas e as potencialidades do grupo. A participação das pessoas implicadas na situação deve ser efetiva, evitando que se tornem meros informantes. Morin (2004) destaca que o grupo deve estabelecer uma linguagem comum e o pesquisador deve mobilizar os atores a cooperar, definindo um objetivo geral relacionado às principais necessidades do grupo.

Quanto à formação da equipe, o núcleo do “litoral” do NAPI Alimento e Território é formado por 14 pesquisadores, sendo 8 homens e 6 mulheres das mais variadas formações acadêmicas: Nutrição, Geografia, Agroecologia, Economia, História, Engenharia Ambiental, Agronomia, Engenharia Florestal e Biologia. Essa pluralidade impõe desafios à equipe, especialmente quanto ao debate teórico e metodológico, mas enriquece o trabalho interdisciplinar para a construção de um pensamento complexo. Na comunidade do Guaraguaçu, os principais atores envolvidos são os membros da Associação, especialmente a presidente que cedeu o espaço, organizou reuniões e articulou as visitas às famílias da comunidade. Além da presidente, há uma média de 10 pessoas que participam das reuniões de planejamento.

Quanto ao mapeamento do campo de pesquisa, a equipe realizou um trabalho de revisão de literatura sobre a comunidade do Guaraguaçu. Alguns dos trabalhos consultados foram indicados pelos próprios membros da comunidade, alguns deles autores destas pesquisas. A partir desta revisão, foi possível construir uma contextualização histórica e social da comunidade e compreender as suas principais iniciativas, conflitos socioambientais e reivindicações. Como resultado constatou-se que a primeira ocupação do território remete à época dos Sambaquis que, de acordo com Marcos de Vasconcellos Gernet (2013), são sítios arqueológicos formados pela deposição de conchas de moluscos por grupos caçadores, coletores e pescadores que habitaram todo o litoral brasileiro. O autor destaca que o Sambaqui do Guaraguaçu, datado com cerca 4.200 anos, é o maior do litoral paranaense e, antes de ser tombado, foi intensamente explorado para produção de cal e pavimentação de estradas, especialmente a Estrada do Mar, atual PR-407, construída em 1926.



Segundo Ximena Villagran (2013), a cultura sambaquieira foi lentamente substituída pela cultura ceramista que, por volta de 1500 anos atrás, se estabeleceram na costa litorânea. Mais recentemente, uma comunidade indígena se estabeleceu às margens do rio Guaraguaçu, a Tekoa Karaguata Poty (Aldeia Sambaqui) é um território Mbya Guarani que, segundo Marcelo de Abreu Gonçalves (2011), tem como principal atividade o artesanato, seguido de uma pequena agricultura de subsistência e algumas formas de extrativismo.

No período colonial e, especialmente no período imperial, o rio Guaraguaçu foi intensamente navegado para extração de madeiras em suas margens. Em um relatório de 1857, o presidente de província reproduz as críticas de Victor Subrá à falta de fiscalização do corte de madeira no litoral paranaense e descreve que, às margens do rio Guaraguaçu, havia “majestosos lenhos, que o inexorável machado derruba sem piedade todos os dias” (CARVALHAES, 1857, p. 114). De acordo com Maria Carolina Gonçalves (2015) e Daniele Ramos (2017), na segunda metade do século XIX, algumas pessoas se estabeleceram às margens do rio Guaraguaçu e passaram a praticar um modo de vida caiçara, baseado na agricultura de coivara, na pesca e no extrativismo.

No século XX, dois eventos transformaram o modo de vida no Guaraguaçu: a abertura da Estrada do Mar, em 1926, e a criação da Estação Ecológica do Guaraguaçu, em 1992. Segundo José Loureiro Fernandes (1947), a Estrada do Mar, hoje PR-407, facilitou o acesso à orla atlântica, incentivando o fluxo de turistas e, por consequência, incrementou as atividades pesqueiras. Para Francisca Moura Kaminski (2012), o aumento do fluxo de turistas, principalmente a partir de 1966, quando a estrada foi pavimentada, trouxe especulação imobiliária e fez com que alguns agricultores dedicassem mais tempo ao cultivo do abacaxi e à extração do palmito, que eram consumidos pelos turistas.

A criação da Estação Ecológica do Guaraguaçu, em 1992, restringiu o acesso aos recursos naturais e proibiu a agricultura de coivara. Kaminski (2012) destaca que as restrições ambientais tiveram impactos sobre a cultura da comunidade, especialmente sobre a prática do artesanato em cipó, cuja extração foi proibida. A autora afirma que o plano de manejo da unidade de conservação não considerou a presença da comunidade



tradicional caiçara. Antonio Marcio Haliski, Dimas Floriani e Nicolas Floriani (2019), destacam que desde quando a unidade de conservação foi criada não há registros de investimentos nas comunidades diretamente afetadas, especialmente no Guaraguaçu.

Atualmente, segundo Haliski, Floriani e Floriani (2019), a comunidade sofre com a invisibilidade promovida pelo poder público, pois os dados oficiais não representam a realidade. Os autores identificaram que a comunidade tem cerca de 120 famílias e vem desenvolvendo características de um novo rural, principalmente a partir do uso turístico do território. Gonçalves (2015) destaca a importância de desenvolver o turismo de base comunitária no Guaraguaçu e classifica os atrativos como consolidados (rio Guaraguaçu, o Sambaqui, o engenho de farinha, o Café Caiçara, a Estrada Ecológica e a Caminhada da Natureza) e potenciais (a Festa do Divino, o fandango, o artesanato em cipó, a Tekoa Karaguata Poty e o prato típico da Cambira).

A comunidade está organizada em torno de uma associação que, historicamente, vem atuando em várias frentes. Segundo Ramos (2017), a Associação Comunitária do Guaraguaçu – ACOMÇU foi criada em 1991 e suas principais ações foram: a construção da capela da Igreja; o posto dos Correios; a administração comunitária do cemitério; atuação junto à creche e ao posto de saúde; e o Café Caiçara. No entanto, destaca a autora, entre 2010 e 2017 a associação não realizou nenhuma reunião, perdendo seu poder de atuação. De acordo com Haliski, Floriani e Floriani (2019), a associação foi reativada em 2018 e, enquanto coletivo, a comunidade desenvolveu o selo “Guaraguaçu Caiçara” e pautou demandas como: a prática agroecológica nos quintais produtivos, participação na organização das caminhadas da natureza, produção de um mapa turístico, desenvolvimento de práticas de cultura e lazer e melhorias no saneamento e saúde.

Para concluir a primeira etapa da Pesquisa-Ação, iniciou-se a construção de um diagnóstico participativo da comunidade do Guaraguaçu, buscando identificar as expectativas, os problemas e as potencialidades do grupo. Em um primeiro encontro, depois de apresentar o NAPI Alimento e Território, a comunidade forneceu diversas informações associadas ao cotidiano e a história de formação e desenvolvimento do território. No mesmo dia, buscando uma interação com mais atores, visitamos alguns



dos quintais produtivos que constituem o atual sistema produtivo da comunidade, buscando integrar a esta ação o diálogo e a observação participativa. Paralelamente, um questionário semiestruturado foi elaborado e aplicado, buscando acessar informações e dados relevantes para o desenvolvimento do projeto. Nos dias 27 de outubro e 17 de novembro de 2023, foram realizadas algumas entrevistas buscando acessar aspectos identitários, da história de vida, da produção, do social, da agrobiodiversidade e do processamento. Nestes dias, também foram realizadas caminhadas transversais pelos quintais produtivos, além da prospecção de novos atores que de alguma maneira poderiam se integrar ao desenvolvimento da cozinha comunitária.

Como resultado deste processo, identificou-se que a construção de uma Cozinha Comunitária é a principal expectativa da comunidade. De acordo com uma das entrevistadas, desde 2007, por meio da Associação, a comunidade vem se organizando em torno do turismo, especialmente por meio das Caminhadas Ecológicas, evento organizado pela Anda Brasil, e do Café Caiçara, servido pelas mulheres da comunidade e, desde aquele período, a atual presidente da Associação e uma das idealizadoras do Café Caiçara, já falava da necessidade de uma cozinha comunitária que, segunda ela, iria “envolver o grupo todo da comunidade fazendo junto. Que pudesse ser a marca do Guaraguaçu. Que nos pudessemos ter um lugar comunitário para servir o nosso café”.

Por outro lado, um dos principais problemas ou limites da comunidade é a ausência de um espaço físico (prédio) para a instalação da Cozinha Comunitária. A Associação possui um terreno em processo de terraplanagem, mas não há recursos financeiros para a construção do prédio. O recurso do NAPI Alimento e Território, por razões burocráticas do financiamento, não pode ser destinado a esse fim, ou seja, só pode ser utilizado para compra de equipamentos para a cozinha. Desta forma, esse fator limitante se apresentou como uma situação problema a ser resolvida coletivamente ou, como apontou Dionne (2007), como um ponto de partida da pesquisa e da ação, cujo objetivo geral passou a ser a reivindicação deste espaço.

Com relação as potencialidade da comunidade, destacam-se, principalmente, as receitas caiçaras. Como dito anteriormente, desde 2007, a comunidade vem se organizando através do Café Caiçara e da Cambira, receitas típicas do povo caiçara, e



uma das estratégias é atrair turistas para a comunidade tendo em vista os atrativos apontados por Gonçalves (2015). Além disso, outra potencialidade apontada pelos moradores são as feiras organizadas quinzenalmente pela comunidade, espaço onde comercializam suas receitas e seus artesanatos.

2ª Etapa: definição dos objetivos de pesquisa e de ação

A segunda etapa da Pesquisa-Ação consiste na definição dos objetivos da pesquisa e da ação. De acordo com Dionne (2007), o desafio desta etapa é conciliar os objetivos da pesquisa, que partem de marcos teóricos para explicar fenômenos, e os objetivos da ação, que partem dos problemas práticos para aplicar soluções. Para Morin (2004, p. 126), deve-se estabelecer uma linguagem ou vocabulário comum acerca dos objetivos para que se tenha um entendimento aceitável pelos atores e é preciso compreender bem a finalidade do projeto que “deve permitir mudanças na ordem dos conhecimentos em função das ações”. Thiollent (2011) destaca que os objetivos devem ser traçados coletivamente e que é preciso por em harmonia as expectativas dos pesquisadores e das pessoas implicadas na situação. Thiollent (2011, p. 59) explica que, em geral, o tema da pesquisa emerge do coletivo e prevê a melhoria de algo, ou seja, tem um caráter normativo em que a melhoria “é definida em termos relativos, marcando a diferença entre o que é e que desejamos que seja”.

Na comunidade do Guaraguaçu, depois da construção do diagnóstico e da identificação da situação problema, organizou-se uma reunião, no dia 5 de dezembro de 2023, que contou com a participação de cerca de 20 pessoas. Nesta reunião, estabeleceu-se um objetivo de ação: abrir um diálogo com a Prefeitura Municipal de Pontal do Paraná, intermediada por um vereador, para solicitar o título de Utilidade Pública para a Associação, viabilizando a doação dos equipamentos do NAPI para a comunidade, e reivindicar um espaço para a Cozinha Comunitária. Quanto aos objetivos de pesquisa, várias frentes foram abertas com objetivos distintos, mas complementares: analisar a ativação popular do patrimônio-territorial do Guaraguaçu; analisar o processo histórico de alteração e resistência do modo de vida caiçara no Guaraguaçu; analisar a



mobilização dos ativos e recursos territoriais no Guaraguaçu; investigar a soberania e segurança alimentar e nutricional a partir dos quintais produtivos, entre outros. Esse leque de possibilidades foi aberto devido ao grande número de temáticas discutidas durante o processo da Pesquisa-Ação e também em função do grande número de pesquisadores e atores envolvidos.

3ª e 4ª Etapas: elaboração e execução do planejamento da pesquisa e da ação

A terceira etapa da Pesquisa-Ação consiste na elaboração de um planejamento metodológico da pesquisa e da ação. Morin (2004, p. 127) aponta que é preciso determinar, desde o início, o tempo de duração do projeto e é importante prever momentos de diálogos para revisar as estratégias. Dionne (2007) chama a atenção para o fato de que os ritmos e as estratégias são diferentes, enquanto o percurso da pesquisa é mais lento e precisa definir conceitos teóricos e instrumentos de investigação, o percurso da ação, muitas vezes, exige urgência para definir o planejamento das ações em busca de soluções.

Para Thiollent (2011, p. 61-62), cabe aos atores elaborar um plano de ação com objetivos alcançáveis para evitar falsas expectativas e cabe aos pesquisadores o desenho de um quadro teórico de referência que visa construir conhecimentos, mas “sem deixar de lado a resolução dos problemas práticos sem a qual a pesquisa-ação não faria sentido e não haveria participação”, esse encaminhamento, alerta o autor, não pode se dar a partir da simples descrição da realidade, é preciso equacionar os aspectos normativos para “projetar uma situação desejada de acordo com objetivos definidos”. É necessário que a problemática colocada tenha relevância científica e prática, testada e discutida coletivamente. Desta problemática, definem-se as hipóteses, que são as diretrizes que orientam as possíveis soluções aos problemas práticos. Para Dionne (2007, p. 72), a “pesquisa se concentra principalmente nas hipóteses de explicação, mas não pode desprezar as hipóteses de soluções práticas”. Thiollent (2011) explica que o raciocínio hipotético pode ser usado para fins descritivos, quando se estabelece conexões não causais entre fatores relacionadas à situação, ou para fins normativos, quando a justiça



da hipótese é julgada na prática pelo êxito da ação ou pela constatação dos seus efeitos sobre a situação.

A quarta etapa é a realização da pesquisa e da ação. Morin (2004) afirmar que pesquisadores e atores constituem o principal instrumento de pesquisa e chama a atenção para a necessidade de criar processos democráticos e estabelecer um contrato aberto que favoreça a participação, pois todos os conhecimentos são importantes e complementares para promover mudanças efetivas e cada um aprende com a da ação e da reflexão dos outros. Para Dionne (2007), a aquisição de conhecimentos, através da coleta de dados, é consequência da ação que, em geral, sofre mais ajustes do que a pesquisa devido à sua imprevisibilidade, mas que não deve se desviar dos objetivos. Os pesquisadores acompanham as ações e dialogam com os participantes sobre a pertinência das soluções escolhidas. Para Thiollent (2011), os seminários são de suma importância para a construção dos argumentos e as técnicas de coleta de dados devem ser capazes de obter informações explicativas para possibilitar reflexões que aumentem a conscientização coletiva. Morin (2004, p. 137, grifo do autor) argumenta que as discussões em grupo, “quando bem conduzidas e não transformadas em arenas de lutas de poder, permitem justamente uma distância necessária, preconizada pelos teóricos da pesquisa para obter maior objetividade no discurso, uma verdade ponderada”, a discussão é o lugar de reflexão, a inteligência do grupo.

Morin (2004) também cita a importância de entrevistas não formais para enriquecer a discussão nas reuniões e técnicas de registro como diário de bordo, gravações, fotografias e vídeos. O processamento dos dados requer raciocínios argumentativos em que se constroem processos coletivos de aprendizagem através do diálogo entre o saber formal e o saber informal. Thiollent (2011) alerta que, quando o campo de observação é grande, torna-se necessário operar com amostragem ou com representatividade qualitativa. No caso da amostragem, é preciso meios de difusão de informações para que todas as pessoas sejam atingidas e, no caso da representatividade qualitativa, selecionam-se as pessoas em função do papel que exercem. O autor critica as amostras estatísticas, alegando que seus critérios são falsamente igualitários e tendem a dar uma visão conformista da realidade. Neste sentido, Thiollent (2011, p. 72)



alerta que os parâmetros quantitativos devem “levar em conta a representatividade sociopolítica de grupos ou de opiniões que são minoritários em termos numéricos, mas expressivos de uma situação em termos ideológicos e políticos”.

Vale destacar que na comunidade do Guaraguaçu a Pesquisa-Ação está em andamento e consideramos que ela ainda está em uma “fase diagnóstica”. No entanto, alguns planos de pesquisa e de ação já foram traçadas e alguns destes já foram executados. Por exemplo, desde a reunião do dia 5 de dezembro de 2023, uma equipe de trabalho, formada por membros da Associação e pesquisadores, contataram um vereador do município para dar início ao processo de declaração de Utilidade Pública da Associação. No dia 1 de junho de 2024, esse processo foi concluído com a aprovação do título pela Câmara de Vereadores de Pontal do Paraná (Figura 2):

Figura 2: Reunião da Câmara de Vereadores de Pontal do Paraná que aprovou a Utilidade Pública da Associação Comunitária do Guaraguaçu.



Fonte: registro dos autores.

Outra ação que foi planejada e executada foi a reivindicação de um espaço para a Cozinha Comunitária junto à Prefeitura. Essa pauta foi debatida junto ao mesmo vereador que viabilizou a declaração de Utilidade Pública que inclusive também é membro da comunidade do Guaraguaçu. No dia 18 de junho de 2023, a Prefeitura cedeu um espaço para a Cozinha Comunitária, um prédio que ainda estava sendo utilizada



como escola, mas que estava em processo de desocupação em função da inauguração de uma nova escola na comunidade (Figura 3):

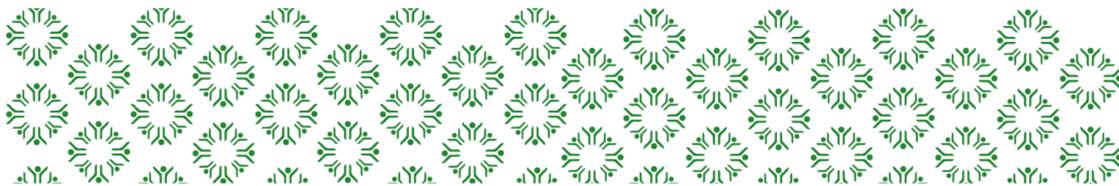
Figura 3: visita ao espaço cedido pela Prefeitura.



Fonte: registro dos autores.

No dia 29 de junho, a nova escola foi inaugurada e o espaço cedido pela Prefeitura passou a ficar disponível para a Associação. No entanto, como o espaço ainda não foi ocupado, pois precisa de algumas reformas estruturais para adaptá-lo ao uso de uma cozinha comunitária. Agora, como apontou Morin (2004), é importante retomar os momentos de diálogos para revisar as estratégias, tendo em vista que os objetivos traçados no início da pesquisa já foram alcançados, mas novos desafios surgiram requerendo um replanejamento.

Quando ao planejamento e realização da pesquisa que, como alertou Dionne (2007), é mais lento, pois é preciso definir conceitos teóricos e instrumentos de investigação, as frentes temáticas estão trabalhando junto à comunidade. Uma das ações que fez parte deste processo foi a realização de uma oficina de receitas caiçaras, realizada no dia 22 de maio de 2023. Nesta oficina, a comunidade do Guaraguaçu apresentou os seus pratos típicos e, junto a outras duas comunidades onde o NAPI atua,



foi realizada um inventário do patrimônio, uma metodologia de reconhecimento do patrimônio-territorial (Figura 4):

Figura 4: Construção de um inventário das comunidades.

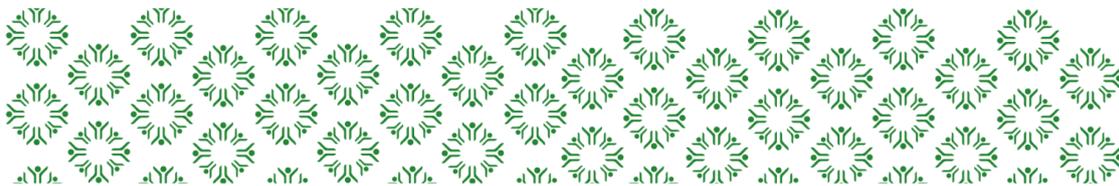


Fonte: registro dos autores.

Alguns dos resultados deste inventário apontam para um potencial de ativação popular do patrimônio-territorial do Guaraguaçu, especialmente a partir das receitas caiçaras, mas também através dos atrativos turísticos já indicados por Gonçalves (2015).

5ª Etapa: avaliação dos resultados

A quinta e última etapa da Pesquisa-Ação consiste na análise e avaliação dos resultados. De acordo com Dionne (2007), trata-se de compilar e analisar os dados, no caso da pesquisa, e avaliar a mudança realizada, no caso da ação. O desafio é acoplar as



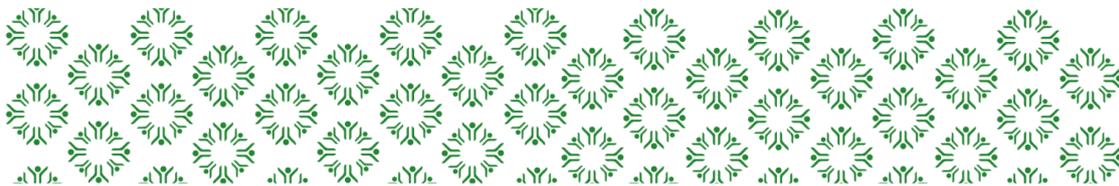
conclusões da pesquisa às conclusões da ação, a pesquisa é enriquecida pela ação e pelas oposições e resistências à forma pela qual foi conduzida. Dionne (2007) e Thiollent (2011) apontam que é necessário criar uma estratégia de divulgação externa dos resultados para todos os parceiros da intervenção para promover uma visão de conjunto, não se trata de simples propaganda, mas de divulgar os conhecimentos para fortalecer a convicção e a tomada de consciência do grupo como um todo. Morin (2004, p. 153, grifo do autor) destaca a importância de técnicas de redação coletiva para sistematizar a experiência dos participantes, tais técnicas “são ferramentas para acompanhar o processo [...] e para explorar um domínio de reflexão”.

Na comunidade do Guaraguaçu, ainda não foi realizada uma reunião de avaliação do processo, como apontado anteriormente trata-se de uma Pesquisa-Ação em andamento. No entanto, pode-se avaliar que a situação problema, identificada na primeira etapa da Pesquisa-Ação, foi parcialmente resolvida tendo em vista a conquista do espaço da cozinha. A situação ainda não foi resolvida por completo porque o ideal para a comunidade é um espaço próprio para a Cozinha Comunitária e não um espaço cedido pela Prefeitura e que pode ser requerido a qualquer momento em função da rotatividade do poder executivo municipal. Esse é um desafio que será debatido nas próximas reuniões com o objetivo de traçar novas estratégias de ação frente aos problemas comunitários.

Conclusão

A Pesquisa-Ação é um método de pesquisa social de base empírica que privilegia os aspectos sociopolíticos da sociedade de classes e tem como foco a ação transformadora de uma realidade social. Ao ser realizada de forma participativa e associada à resolução de um problema coletivo, a Pesquisa-Ação reduz a distância entre a teoria e a prática e se apresenta como um método científico de produção de conhecimento contextualizado a partir das experiências do mundo real.

Dentre as características da Pesquisa-Ação, talvez, a mais desafiadora seja a interação entre pesquisadores e atores sociais. A relação sujeito-objeto das pesquisas



convencionais dá lugar a uma relação sujeito-sujeito e isso tem implicações profundas na forma de se produzir conhecimento. O conhecimento coproduzido nesta relação é original, transformador e educativo, pois opera na emancipação popular através da organização e mobilização de coletivos.

Com relação à operacionalização da Pesquisa-Ação, a experiência na comunidade do Guaraguaçu revela que não existe uma receita de aplicação do método. As cinco etapas apresentadas no texto não são rígidas ou estanques, eles podem ter ordens diferentes e também ocorrer de forma simultânea. Durante vários momentos, a equipe do projeto NAPI se via analisando resultados, planejando ações e elaborando diagnósticos na mesma reunião.

A experiência na comunidade do Guaraguaçu também é elucidativa quanto ao aspecto da participação. Por mais que a participação da comunidade tenha sido efetiva no planejamento e execução das ações, percebe-se uma ausência dos jovens da comunidade. A inclusão da juventude, inclusive, será objeto de estratégias nos próximos passos da Pesquisa-Ação na comunidade. Outra conclusão que se tem a partir da experiência de Pesquisa-Ação no Guaraguaçu é a potência dos espaços associativos na organização de uma comunidade, graças à Associação Comunitária do Guaraguaçu, que existe há mais de 30 anos, foi possível firmar parcerias institucionais para viabilizar a extensão universitária na comunidade.

Referências

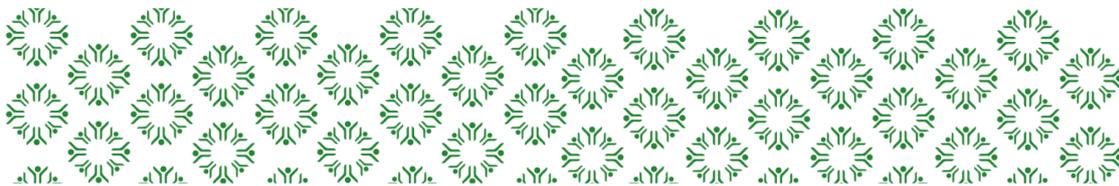
BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

CARVALHAES, José Antonio Vaz de. **Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial da Província do Paraná no dia 7 de janeiro de 1857 pelo vice-presidente José Antonio Vaz de Carvalhaes**. Curitiba: Typ. Paranaense de C. M. Lopes, 1857.

DESCARTES, René. **O Discurso do Método**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Escala, [1637] 2009.

DIONNE, Hugues. **A Pesquisa-Ação para o Desenvolvimento Local**. Tradução: Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FALS BORDA, Orlando. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (org.) **Pesquisa Participante**. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006 [1981]. pp. 42-62.



FERNANDES, José Loureiro. Contribuição à geografia da Praia de Leste. *In: Arquivos do Museu Paranaense*. Vol. VI. Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná: Curitiba, 1947.

GERNET, Marcos de Vasconcellos. Gênese e ocupação do Sambaqui do Guaraguaçu, Pontal do Paraná. *Revista NUPEM*, Campo Mourão, v. 5, n. 8, jan./jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.v5i8.194> Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/nupem/article/view/5356> Acesso em: 13 out. 2023.

GONÇALVES, Marcelo de Abreu. **Ethos e Movimento**: um estudo sobre mobilidade e organização social Mbyá Guarani no litoral sul do Brasil. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social). Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2011.

GONÇALVES, Maria Carolina. **Potenciais para o Turismo e Envolvimento da Comunidade na Gestão do Turismo**: o caso do Guaraguaçu, Pontal do Paraná. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação de Tecnologia em Gestão de Turismo). Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos/PR, 2015.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, [1968] 2009.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HALISKI, Antônio Márcio; FLORIANI, Dimas; FLORIANI, Nicolas. Os usos da natureza e ambiente na comunidade do Guaraguaçu como elementos para uma proposta em torno da Agroecologia em Pontal do Paraná – PR. *Revista Mundi Sociais e Humanidades*. Curitiba, PR, v.4, n.2, 64, ago./dez., 2019.

KAMINSKI, Francisca Moura. **Cipozeiras do Guaraguaçu**: entre a proteção ambiental e a preservação da cultura local. 30 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar). Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos/PR, 2012.

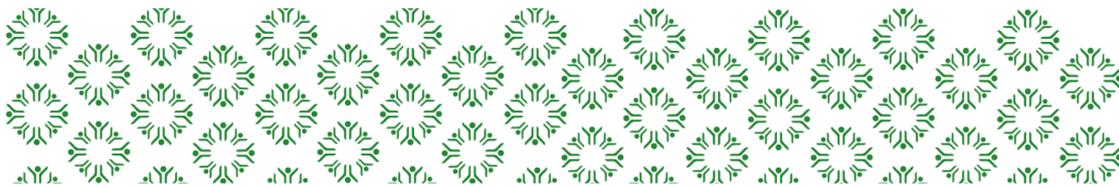
MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**: uma antropopedagogia renovada. Tradução: Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

RAMOS, Daniele. **Associação Comunitária do Guaraguaçu (ACOMÇÚ)**: uma história a ser contada. 38 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Questão Social na Perspectiva Interdisciplinar). Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, Matinhos/PR, 2017.

THIOLLENT, Michael. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 3ª ed. São Paulo: Polis, 1982.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VILLAGRAN, Ximena. S. O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil, dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 23, 139-154,



2013. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2013.107182>
Acesso em: 30 ago. 2024.

Agradecimentos

Aos moradores da comunidade do Guaraguaçu, pela construção coletiva, à Fundação Araucária e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES), pelo apoio financeiro.

Recebido em: 30/08/2024

Aceito em: 04/10/2024